

A ESTRUTURA DO DP NO CRIOULO DE CABO VERDE E NO PB
DE AFRO-DESCENDENTES

*The structure of DPs in Cape Verde Creole and Afro-
Brazilian Portuguese*

Ilza Ribeiro *
Sonia Cyrino **

RESUMO

O texto apresenta uma descrição da realização de DPs em dois *corpora* de dialetos falados por afro-descendentes brasileiros e compara os dados com os dos crioulos do Cabo Verde, como descrito por Alexandre & Soares (2004) e Baptista (2007). Aponta-se para questões sobre a estrutura dos DPs, levando em conta a variação na ocorrência de DPs nus nessas variantes do português, e sobre a realização do traço [+plural] nos DPs. Considera-se que as realizações superficiais entre os dialetos são muito semelhantes, mesmo no caso do plural, embora a marca morfológica de plural nos nomes não ocorra nos dados de HV-19 e seja bastante assistemática nas Atas. Estruturalmente, para os DPs com determinantes realizados, foi assumida a mesma estrutura proposta por Baptista (2007); para os DPs com determinantes não realizados, optou-se por ver a variação como resultado de uma regra geral de recuperação situacional / pragmática dos valores referencias dos DPs. Para o caso dos DPs plurais, considerou-se que uma regra de não-redundância morfofonológica atua na gramática de HV-19.

Palavras-chave: *DPs nus; Dialetos afro-brasileiros; Crioulo.*

ABSTRACT

In this paper we present a description of the DPs found in two corpora of dialects spoken by African descendants from Brazil and

* (UFBa) <ilzaribeiro@uol.com.br>.

** (Unicamp) <cyrino@iel.unicamp.br>.

we compare these data with those from Cape Verdean Creole as described by Alexandre & Soares (2004) and Baptista (2007). We address some questions related to the structure of DPs, taking into consideration the variation in the occurrence of null Ds in the variants of Portuguese and we discuss the realization of the [+plural] feature in DPs. We consider that the occurrences in the dialects considered in the paper are superficially very similar, even in the case of plural DPs, although the morphological marking for plural in names does not occur in one of the Afro-Brazilian dialects, HV-19, and is unsystematic in the other one. For the DPs with non-null determiners, we assume the same structure proposed by Baptista (2007); for the DPs with null determiners, we conceive the variation as a result of a general rule of situational/pragmatic recovering of the referential values of the DPs. For the plural DPs, we consider the existence of a morpho-phonological non-redundancy rule present in the grammar of HV-19.

Keywords: *Bare DPs; Afro-Brazilian dialects; Creole.*

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, temos como objetivo apresentar uma descrição da realização de DPs em dois *corpora* de afro-descendentes brasileiros e comparar os dados com os dos crioulos do Cabo Verde (CV)¹, como descrito por Alexandre & Soares (2004) e Baptista (2007). Ao fazê-lo, levantamos questões sobre a estrutura dos DPs, levando em conta a variação na ocorrência de DPs nus nessas variantes do português². Ao mesmo tempo, levantamos questões sobre a realização do traço [+plural] nos DPs.

Os dados dos brasileiros provêm dos seguintes *corpora*:

a) Os dados de HV-19 provêm da amostra de fala de uma afro-descendente de Helvécia, que se supunha ter 103 quando a entrevista foi gravada (1994); portanto, deve ter nascido no final do século XIX. O

¹ Cabo Verde era um arquipélago deserto (ocupado em 1462), constituído por dez ilhas, das quais apenas nove foram povoadas, embora em épocas diferentes. Ao sul, em Sotavento, há as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava. Mais a norte, são as ilhas de Barlavento: Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santa Luzia (deserta), S. Vicente e Santo Antão.

² Neste trabalho, o termo “DPs nus” cobre todos os casos de não realização de um determinante, não estabelecendo distinções entre nomes contáveis singular, plural e nomes de massa.

inquérito pertence ao *corpus* do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, coordenado por Dante Lucchesi – UFBA³.

b) Os dados das Atas foram colhidos na Edição Semidiplomática de Marins Júnior (2002), das atas escritas, na Sociedade Protetora dos Desvalidos, por Gregório Joaquim de Santana Gomes Ferrão, edição supervisionada por Tânia Lobo – UFBA. O informante Gregório era um negro brasileiro, forro, torneiro mecânico; as quinze atas foram escritas em 1862⁴.

A escolha dos *corpora* para estudo e as comparações com os crioulos de CV se baseiam em hipóteses sobre os fatos da constituição sócio-histórica do português no Brasil. Sem entrarmos na seara de criouliização prévia ou não do português no Brasil, a sócio-história não deixa dúvidas de que o português foi aprendido, pela população africana e afro-descendente, por um processo de aquisição L2, com *input* do português L1 e L2, por mais de três séculos (ver proposta mais detalhada em LUCCHESI & RIBEIRO, 2009). A situação de aquisição do português em Cabo Verde também é de L2, embora os fatos da sócio-história não sejam exatamente os mesmos. Estudos sobre aquisição de DP em L2, como o de Ionin (2003), mostram que as escolhas paramétricas entre [+/- artigo], dentre outras escolhas, passam por um período de flutuação até os aprendizes chegarem ao parâmetro da língua alvo. No caso do português (e dos crioulos de CV), os dados da língua alvo não eram robustos o suficiente para que a aquisição do parâmetro [+ artigo] se desse de forma homogênea para todos os dialetos históricos das terras hoje brasileiras. Tendo um *input* diversificado e resultante de aquisição do português como L2, como L1 a partir de L2, como L1 a partir de L1, o português dos africanos e dos afro-descendentes deve refletir este fato (ver outros estudos em LUCCHESI, BAXTER & RIBEIRO, 2009)⁵.

O trabalho está organizado da seguinte forma. Primeiramente apresentamos os dados de DPs nus e da realização do plural nos dois *corpora*

³ Os dados de HV-19 aqui apresentados se baseiam no trabalho de Ribeiro (2009b).

⁴ Os dados das Atas aqui discutidos se baseiam no estudo de Ribeiro & Cyrino (2009).

⁵ Agradecemos ao parecerista anônimo apontar para a necessidade de esclarecermos nossa posição em relação a esta questão.

brasileiros e no CV. Em seguida, colocamos questões e esboçamos uma proposta de análise.

2. DPs NUS

2.1. A INFORMANTE HV-19

Há vários usos de DPs nus em diversas expressões indefinidas intensificadas / quantificadas:

1.
 - a. Tenho *fiado*, minha irmã, eu tenho é fiado! Tenho *fiado*!
 - b. Júlha!... Ah, você tem *conhecimento*!
 - c. ele avai na... vendo pra tirá *dinheiro* pra andá ININT, p'eu cumprá uma coisa
 - d. jogô *água* nele ... tá perdido!

Também em HV-19, o DP nu indefinido pode ser usado em lugar de *um*, quer no uso indefinido específico, quer no indefinido não específico:

2.
 - a. um filho de *menina* que morreu um dia desse (indef[+específico])
 - b. inda lá tem *mata* grande
3.
 - a. Inda mais você encontrá *vestido*! (indef[-específico])
 - b. bastava *lenço* nos peito

A variação entre presença e ausência do determinante fonologicamente realizado está bem clara no exemplo em (4) abaixo: na primeira menção, o determinante indefinido está fonologicamente realizado; nas outras menções, ocorre um DP nu (ver LUCCHESI, 1993 para a distinção dado/novo no emprego do artigo nos crioulos de Cabo Verde e São Tomé (forro))

4. Lá vem Santa, marrá *um pano* na minha cabeça! Minha cabeça tá muito branca! (...) - Sim. Vô marrá *pano*, que cabeça tá muito

branca! (....) T'áí tudo branca! Vô marrá *pano*! Gente vai caçuá da minha cabeça!

Não foi encontrada qualquer realização da forma plural *uns* nos dados de HV-19. Assim, no que diz respeito à indefinitude de nomes plurais, o DP nu parece ser a única possibilidade; não há morfologia de plural realizada no nome com leitura indefinida:

5. a. Ieu não tem *dente*
b. Cantava *ofício*
c. ele reza *ofício*

Ainda sobre os dados de HV-19, há um conjunto de DPs nus realizando a função de objetos:

6. a. Na pé de tomate aí, *comeno tomate*
b. Dendê! Ah, ôto vai *cortar carga*
c. Nem coco, nem amendoim, mai pode *comê verdura*
d. São Batião foi *buscá madeira* nesse matim ali

DPs nus também podem ocorrer na posição de sujeito:

7. a. Já tem fia. *Fia* já tem três fio
b. *calipe* cabô com tudo
c. Graças a Deus, *operação* deu em cima,
d. E *menino* bate atrás
e. *Polícia* só anda toda hora lá
f. *Ponta do rabo* é grosso assim
g. *Mãe de Quête* é minha prima
h. *Mãe dela* chama Filicina
i. Nunca! *Tio desse* mas ele nem nunca não!
j. É, tia. *Tia irmã* que judô criá
k. Então, quando meu fio mudô... *estrada de ferro* queria levá eu de ININT
l. Muito. *Lacraia* já pegô na mão!

2.2. AS ATAS DE GREGÓRIO

Encontramos DPs nus indefinidos / quantificados:

8.
 - a. o Presidente fize-se *orsamento* para ver
 - b. foi sujeito a lei a tudo que ella marcar porque isto não é *pezo* para a Sociedade
 - c. *que* não tinha *pessoa* para lelão
 - d. *que* nesta sociedade *tem sócio* a dar razão a elle

DPs nus também ocorrem na posição de objeto:

9.
 - a. o Presidente não esta natorizado *fazer trabalho* sem não a apresentar a o corpo da sociedade
 - b. para *sidar providencia* na primeira dominga de Abril.
 - c. *que* a sociedade não deve *fazer tratado* discreto
 - d. de chou de *haver seção* por não *ter numero* de Sócios
 - f. elle andava dohente *etomando remédio*
 - g. se asala dechava de *ter lusto*
10.
 - a. *que* elle revendo *acta* do dia 6 de Janeiro
 - b. para hir em *palácio* saudar a o Presidente da província
 - c. *que* não tinha pessoa para *lelão*
 - d. lesse *acta* da anterior sesção
 - e. [o]socio Olavo pidindo *exccução* do artigo 18 dos estatutos
 - f. representou-se a viuva do finado Marcellino Joaquim Paranhos para *tomar despacho*
 - g. a comição não foi *fazer convenção*

É importante salientar que, também neste informante, encontramos ocorrências de DPs nus na posição de sujeito, como mostram os exemplos abaixo:

11.
 - a. leu-se acta da anterior seção *Senhor 1º Secretario* menciona o seguinte
 - b. *Prezidentes* anteri perguntou porque os prezidestes anteriores não fizerão este trabalho
 - c. nomesmo continente *assemblea* sancionou, que riscouce da sociedade
 - d. o socio Bento disse que elle estava bem aoreentado que *lei* diz que o sócios atrazado deve vir pagar em seção aberta
 - e. *que* o dispois encontrará a comição e *mesma* lhe entregou um anuncio
 - f. *que* o mesmo *Senhor Manuel Euzébio* lhe tinha tratado para fazer esta cauza pela aquantia de cento e cinquenta mil reis e *mesmo* *Senhor* de[sn]e[ilegível]hãõ lhe disse

2.3. CRIOULO DE CV

Nos crioulos de Cabo Verde, DPs nus indefinidos podem ser usados com os seguintes valores (BAPTISTA, 2007, p. 66-7):

12.
 - a. pa fase *tetu* (p.66) (-específico/singular)
(para fazer teto)
 - b. pamo guvernu ka sa ta djuda-u fase *kasa* (AM-ST) (p.66)
(-específico/singular)
(porque governo não está ajudando você fazer casa)
 - c. N panha *panu*, N po na kabesa (p.66) (+específico)
(eu peguei pano, eu pus na cabeça)
 - d. E bota-m *ajudinha* (p.66) (quantificador)
(ele deu-me ajudinha)

Um DP nu definido pode ocorrer na função de sujeito:

13.
 - a. *Mudjer* gosta d'el, fika ku el ala (TA-Brava) (BAPTISTA, 2007, p. 77).

(mulher gosta dele, fica com ele lá)

b. *Kaza d'es rua ta parse bedju* (BAPTISTA, 2007, p.84)

(casas desta rua parecem velhas)

14. Un bes, *un ómi* di lonji bá kása di *un mudjer* (...) (ALEXANDRE & SOARES, 2004, p. 5-6).

(uma vez um homem de longe ir(Perf) casa de um mulher)

Mudjer resebe-l ben resebedu (...)

(mulher receber(Perf)-3sg bem receber+Pass)

Ómi fla (...)

(Homem falar/dizer(Perf))

Da mesma forma, DPs nus definidos ocorrem na função de objeto:

15. a. pa'N konta-l *storia* di kel organizason (BAPTISTA, 2007, p. 72).

(para eu contar-CL3P estória de DEM organização)

b. ... trabadja gosi ku *kanbra* (AM-ST)

(trabalhar agora com a Câmara)

3. REALIZAÇÃO DE PLURAL

3.1. HV-19

Como a informante HV-19 não realiza a marca de plural nos nomes, todos os sintagmas nominais no plural apresentam algum tipo de determinante, único constituinte a receber o morfema *s* de plural:

16. a. OB: Pegô *os fio*

eu passo *os óio* assim

ele vem chamá *os menino* pa calvá

b. SU: *os'ôto aí* vê eu falano uma coisa

tá *esses home* ali

- c. TOP: *os ôto que é de fora*, tem dia que dá uma
- d. PP: *das doença*
nas n'água
água nos óio
bastava lenço nos peito
- e. Pred: Tudo é *meus neto*
era as música

Expressões numerais são usadas sem marcadores de plural nos nomes; o termo numeral é suficiente para marcar pluralidade:

- 17. a. só de *três pessoa* que eu nunca pegô
- b. *quatro muié, dois home, nove saco* de feijão
- c. Eu já morreu *quatro fi*.

Quando a marca de plural não está foneticamente realizada no possessivo ou no demonstrativo, o quantificador marcador de plural *tudo* ocorre em contextos de plural (ver LUCCHESI, 2000 para uma análise ampla desta questão no dialeto de Helvécia):

- 18. a. Tudo esse é *meu neto*
- b. Tudo é *meus neto*
- c. *Tudo esse* fio teve na cativêro

3.2. ATAS

Há variação na expressão do plural nas atas: às vezes somente no determinante (19), às vezes somente no nome (20); às vezes nos dois elementos (21):

- 19. alguns requerimento
dos interramento
osatrazado
osfeito

os escurtino

20. otrimestes
 do estatutos
 um recibos
 de algum sócios
 este 6 mezes
 a dispezas
 a sua oppiniões
21. a. os cazos atrazado
 b. ospinhosores
 c. osreguerimentos
 d. os socios

4. PROPOSTA DE ANÁLISE

Baptista (2007) propõe a seguinte estrutura para os DPs nos crioulos de Cabo Verde: [_{DP} dem/QP [_{D'} [_D def/ind] [_{NumP} numeral [_{Num'} [Num -s] [_{NP} [_{N'} N]]]]]]

Podemos perguntar: os dados dos afrodescendentes podem ser explicados com base nessa estrutura? Como pode ser explicada a diferença entre DPs definidos com/sem artigo na função de sujeito?

Abaixo, avançamos uma proposta de análise para os dados descritos na primeira parte deste trabalho.

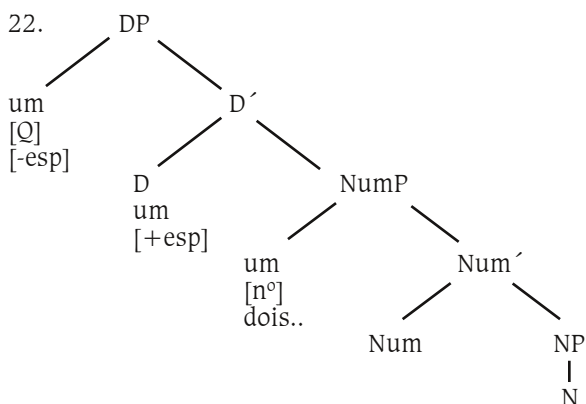
4.1. TRAÇOS NO DP

Dentro do Programa Minimalista, tem-se proposto que traços presentes nos itens lexicais e funcionais são responsáveis pelos movimentos, através de um sistema de verificação e valoração (CHOMSKY, 1998, 1999; LONGOBARDI, 1994; LYONS, 1999; ADGER, 2003). Assumimos, portanto, que os traços- ϕ de N são interpretáveis e que argumentos são DPs. Os traços seletoriais dos argumentos DPs estão definidos em D [EPP de T = [μ D].

Sintagmas nominais nus são DPs e os traços- ϕ do núcleo de NumP são não interpretáveis e valorados por concordância (*agree*) com N⁶. Adicionalmente, assumimos que NumP é opcional; está ausente em DPs nus genéricos e com nomes de massa.

4.2. DPs INDEFINIDOS

Propomos a estrutura abaixo para os DPs indefinidos com “determinantes” realizados:



Observamos que DP nus indefinidos alternam com DPs indefinidos que exibem o determinante *um* realizado, com diferentes valores referenciais:

⁶ O parecerista anônimo levanta questões instigantes sobre propormos que os traços- ϕ de NumP são não interpretáveis. Na realidade, não fazemos uma análise detalhada da questão; estamos considerando apenas que existe uma relação de *agree* entre o núcleo de NumP e o de NP em relação ao valor de número e que os valores singular/plural não podem ser interpretáveis nos dois núcleos. Assim, assumimos que número é interpretável no núcleo nominal e não no núcleo de NumP; a relação de *agree* elimina os traços não interpretáveis. O problema desta análise, apontado pelo parecerista, é que só devem existir categorias funcionais que são interpretáveis nas interfaces, que é a base da proposta desenvolvida a partir de Chomsky (1995). Concordamos com o problema apontado pelo parecerista, mas não temos uma resposta para além do que colocamos no texto. Por outro lado, consideramos que não é a ausência de NumP que condiciona as leituras de DPs nus genéricos e com nome de massa; a possibilidade, no PB e nos crioulo de CV, de DP nu singular com nome não contínuo e valor plural tem sido analisada como resultante da não projeção de NumP, ou de sua projeção com valores subespecificados (Cf. SCHMITT & MUNN, 1999; MUNN & SCHMITT, 2005; FERREIRA, 2010, dentre outros). Assim, uma análise mais adequada da função de NumP está ainda por ser feita.

23. a. vivê ni *uma casinha* (-específico)
 b. prantano *um roçado*
 c. netim tem *uma... caco vêa* manda pra mim
 d. aí comeno *tomate*
 e. bastava *lenço* nos peito
 f. vamo fazê *lelão*
 g. *Lacraia* já pegô na mão
 h. Pidio *uma* palavra o socio Bento Ignacio de Oliveira
 i. pidio *palavra* o socio Geraldo
24. a. Conhece *uma criôlo grande...* chama Gonzalo (+específico)
 b. foi lá buscá *um raiz*, conzinhô, mandô Maria conzinhá
 c. um filho de *menina* que morreu um dia desse
 d. Já tem *fia*. Fia já tem treis fio
 e. inda lá tem *mata grande*
 f. depois areprezentou-se *um reguerimento* do socio Manoel Francisco do Carmo
 g. e fez *uma* enterrogativa a o socio Manoel Euzebio,

O elemento *um* pode funcionar como quantificador e como numeral⁷:

25. a. tava *uma fartura* de pêxe... de num dá conta de *dum mocado*
 (quantificador)
 b. dá *uma coisinha* pra ajudá
 c. *Um saco* de farinha tinha...oito mil (numeral)
 d. elle queria empenhar *um roزاری* de ouro

Quanto aos DPs nus (in)definidos, refletimos inicialmente sobre duas propostas, argumentando a favor da segunda:

⁷ Em resposta ao questionamento do parecerista anônimo, esclarecemos que um dos testes usados para distinguir o uso de *um* como numeral ou como quantificador foi o de substituição do elemento por um outro numeral:

(i) tava *uma* / **duas* / **três* fartura de pêxe... → quantificador
 (ii) *Um* / *dois* / *três* *saco* de farinha tinha...oito mil → numeral

a) as regras de *spellout* para certos conjuntos de traços resultam nulas na fonologia, por não haver um item no léxico para realizar estes traços (ADGER, 2003, p. 255-263)

- | | | |
|-----|---|-------------------------------------|
| 26. | a. I wrote <i>O letters</i> | D[<i>indef,uplural</i>] |
| | b. *I have sent letter to... | *D[<i>indef,usingular</i>]/OK - a |
| | c. Chuir mi <i>O litir</i> dha (Gaelic) | D[<i>indef,usingular</i>] |
| | send-Past I letter to-him | |
| | "I sent a letter to him" | |
| | d. Andrew likes <i>O lard</i> on his sandwiches | D[<i>indef,umass</i>] |
| | e. <i>O Peter</i> was at the party | D[<i>def,uproper</i>] |
| | f. <i>O People</i> like lard | D[<i>coletivo,uplural</i>] |
| | g. Evan's <i>O idea</i> | D[<i>def,uposse</i>] |

A variação observada nos exemplos com e sem determinantes (ver exemplos em (1-4) e (23-25)) indica que esta não pode ser a explicação para os DPs nus indefinidos dos informantes afro-descendentes, ou seja, a de que não existe um item lexical para realizar o *spellout* dos diferentes valores dos indefinidos.

b) determinante nulo resulta de um conjunto de traços- ϕ opcionalmente realizado no componente fonológico.

DPs nus indefinidos têm a mesma estrutura dos DPs com o indefinido *um* realizado (22); a diferença está na não realização fonológica dos traços dos núcleos funcionais, como ilustrado no exemplo (4) acima, repetido abaixo:

27. Lá vem Santa, 'marrá *um pano na minha cabeça!* *Minha cabeça tá muito branca!* (...) - *Sim. Vê 'marrá (um) pano,* que cabeça tá muito branca! (...) *T'áí tudo branca! Vê marrá (um) pano!* Gente vai caçua da minha cabeça!

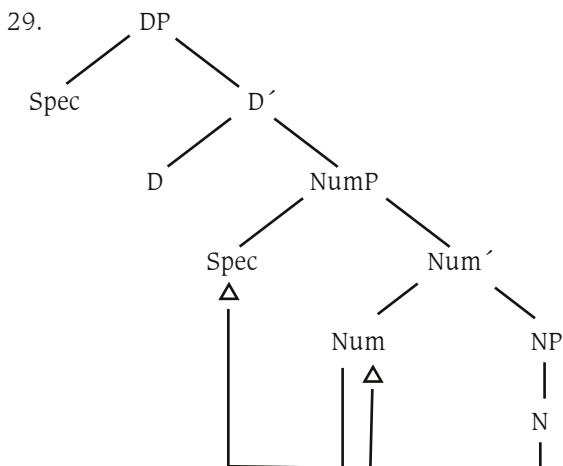
DPs nus indefinidos têm a mesma interpretação que os DPs com o

determinante realizado; ocorrem em variação livre, desde que cubram o mesmo conjunto de sentidos. Os determinantes podem estar ausentes se houver informação contextualmente dada (contexto imediato, discurso anterior, pergunta do documentador, etc.) para cobrir a informação adequada. Não há como prever categoricamente quando o determinante deve estar realizado ou ser nulo; mesmo nos casos de introdução de um referente novo, o determinante indefinido pode não estar realizado.

Estas são também as conclusões de Baptista (2007, p. 69-70) sobre a variação na realização dos determinantes para o crioulo de CV. Nos exemplos a seguir, o determinante *un* alterna livremente com o determinante nulo (aqui representado como '[]' diferentemente de Baptista, 2007).

28. a. Pedru kre kaza k'un/[] bankeru – ma e ka ta da ku el
(Pedro quer casar com um/[] banqueiro – mas ele NEG TMA dá bem com ela)
- b. Pedru kre kaza k'un/[] bankeru – ma e ka inkontra-l inda
(Pedro que casar com um/[] banqueiro – mas ele NEG encontrou-ela ainda)

Contudo, a análise de Baptista para DP nus (in)definidos considera o movimento de N-to-D:



Assim, a análise de Baptista (2007) assume a variação na operação formal de N-to-D, o que não nos parece uma boa solução. Sabe-se que opcionalidades em operações formais não são teoricamente desejáveis (embora Biberauer & Richards (2006) mostrem que, em alguns casos, são tecnicamente possíveis).

Ribeiro (2009a, p. 94) mostra que há um certo padrão de concordância/realização do sujeito, propondo que há uma concordância não redundante no dialeto de HV-19. Sujeitos pronominais são D; podem ou não ser foneticamente realizados, independentemente da morfologia verbal; a referência do pronome é recuperada contextual ou pragmaticamente.⁸

30. a. *Eu* **ficô** assim... oiano!
 b. *nós* **ficô** sentada
 c. *Eles* **trabaiô** na cativêro
 d. *Nós* **rompemo** a sambambaia
 e. *nós* **vamo** ter capoeira virge
31. a. **Saí** ontem de noite... chuva! chuva! (...) **Chega** lá moiado, **pega** esse frio, **troca** de roupa. **Pegô** um bocado de fio! (eu)
 b. E agora **t'ai!** **Trôxe** caju pa mim. (ele)
 c. Domingo é sobrinha aí das menina... é tia. Ah! **Teve** lá em casa (ele)
 d. ainda **vão** dizendo... biscoito, bala doce, as banana (eles)
 e. Por causa desse, **andô** mei triste, ele não tem medo não! (eu)

⁸ O parecerista anônimo nos cobra um posicionamento sobre o aparato formal utilizado e as questões pragmáticas. O estudo de Ionin, 2003 (e de outros que seguem sua proposta) mostra claramente que é impossível dissociar questões formais de pragmáticas no que diz respeito à aquisição dos artigos, pois os parâmetros relevantes são marcados com base em pistas sintáticas (ter ou não ter artigo, por exemplo), como também em relação aos valores semântico-pragmáticos dos seus usos (uso do artigo condicionado por especificidade ou definitude?). O estudo de Matthewson & Schaeffer (2005), por exemplo, mostra que crianças com 2 anos, falantes do inglês, não distinguem sistematicamente suas próprias crenças das crenças de seus interlocutores, o que leva a 'erros' na escolha e uso dos artigos; contudo, os desvios observados na fala das crianças do inglês resultam nas formas gramaticais dos adultos falantes de St'át'imcets, por fixarem seus artigos por opções pragmáticas diferentes. Assim, a proposta é que uma categoria de elementos funcionais (artigo) permite variação translinguística em alguns aspectos de sua semântica, uma variação que pode ser descrita em termos de diferentes valores paramétricos.

Não, **tem** medo não! (ele)
f. Aí **passa** tudo hora! (o trem)

A variação na realização do sujeito em (30) e (31) pode ser explicada em termos de opcionalidade na realização morfofonológica dos traços de D. Nesse sentido, retomamos a generalização de Crisma (1997, *apud* Longobardi, 2001, p. 584): “No language exhibits any free variation between presence and absence of a determiner for nominal arguments.”

Nominais sem determinante, na posição de argumento, se submetem a duas condições: (i) licenciamento da estrutura (\checkmark italiano, *francês); (ii) identificação ou recuperação dos traços de seleção e interpretação, usualmente expressos pelos determinantes (ver CRISMA 1997 para a analogia entre nomes sem determinantes e sujeitos nulos).

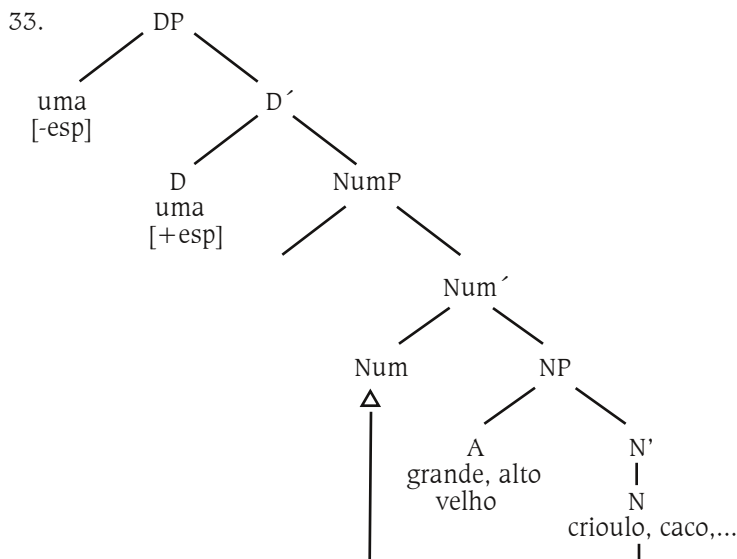
Para a identificação, temos:

- (i) estratégia *default* – interpretação arbitrária, impessoal
- (ii) estratégia contextual – identificação pela morfologia verbal
- (iii) estratégia extragramatical (pragmática) – identificação sem morfologia verbal

Assim, para os dialetos em estudo, não há realmente uma variação livre. Assumimos que a estratégia extragramatical é operante, os informantes recorrendo sempre a situações discursivas e/ou pragmáticas na identificação das categorias vazias D, quer como sujeito, quer como constituinte do DP.

Seguindo Cinque (1994), adjetivos são conectados à esquerda de NP (em seu Spec ou em alguma projeção funcional específica); a ordem N + Adj resulta de movimento (cópia e *merge*) de N para Num, como nos seguintes exemplos:

- 32. a. Conhece *uma criôlo grande*... chama Gonzalo
- b. netim tem *uma... caco vêa* manda pra mim



Num é um núcleo forte nos dialetos em estudo, apesar de não haver realização fonológica do *-s* nos nomes. Relacionamos a força de *Num* às propriedades de gênero nos nomes, usado pelos informantes como um tipo de classificador (ver LUCHESSI, 2000 para uma análise detalhada da variação de gênero em comunidades de afro-descendentes). Os dados abaixo apontam para esta análise:

34. a. *Dessa muié* que t'aí, eu pegô quatro. *Desse muié* lá... eu pegô três
 b. DOC: Sim, como foi que *a lacraia* mordeu... o dedo?
 INF: *O lacraia*?
 c. botô *o cabeça*
 d. Conhece *uma criôlo grande*... chama Gonzalo
 e. para sidar providencia *na primeira domingo*
 f. para a intelijencia *do sociedade*

Consideramos que os valores atribuídos aos morfemas tradicionalmente identificados como gênero funcionam como algum tipo de

classificador nos dialetos em estudo, hipótese que ainda precisa de pesquisa para ser melhor fundamentada⁹.

4.3. DPs DEFINIDOS

DP nus definidos também alternam com DPs definidos que exibem o determinante *o/a* realizado com diferentes valores referenciais (ver BAXTER & LOPES, 2009 para uma análise incluindo vários informantes da comunidade).

O exemplo em (35) indica que o jogo entre a realização ou não do artigo depende das pistas necessárias ao ouvinte sobre os referentes adequados nas referências anafóricas específicas (no caso em discussão, são de posses inalienáveis; mas não é necessariamente só nesta interpretação, como mostram os exemplos em (7)):

35. (Falando sobre cobra) eu foi, botô *mão nas n'água, pocô o côdom*, eu: *paquete, pacote, pacote, pacote, pacote, pacote, até [] bicha* ficô desse tamain assim ININT botô *o cabeça* pra báxo ININT aí na roça! Ave Maria!

As leituras das expressões nominais em (35) são as seguintes:

36. a. botô *mão* (mão da informante)
 b. pocô *o côdom* (quebrou o tronco da cobra)
 c. até *bicha* ficou.... (anafórico de cobra)
 d. botô *o cabeça* (a cabeça da cobra)

A presença ou ausência do artigo definido parece estar relacionada com a acessibilidade do referente. Como há mais de um referente na situação

⁹ Deixamos de fazer uma análise detalhada da variação de gênero por não termos chegado ainda aos possíveis fatores classificatórios. Mas concordamos com o parecerista anônimo sobre a necessidade de refletir melhor sobre NumP e seu papel não só no sistema em estudo como também na arquitetura da gramática das línguas. Os limites do texto, do *corpus* de estudo e do tempo não nos permitiram apresentar refinamentos das análises, o que procuraremos fazer e apresentar em futuros artigos, com um *corpus* ampliado.

discursiva, a identificação do referente pretendido é marcada com o artigo definido quando o referente é ‘cobra’ e com determinante nulo no que diz respeito ao falante. ‘Bicha’ é um nome anafórico que só pode remeter a ‘cobra’, assim o determinante nulo não conduz a qualquer interpretação inadequada.

O uso do artigo definido não indica necessariamente especificidade, como os dois exemplos abaixo mostram:

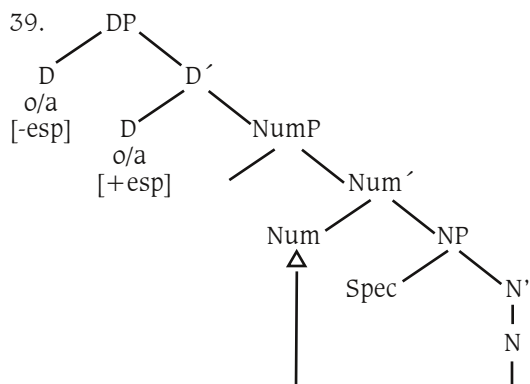
37. a. Parô *o fio*! T'aí... ôto já me chamô (-espec)
 b. DOC1: - Tem compadre mesmo, hein? INF: - Pegô *os fio*. (+espec)

No exemplo (37a), HV-19 (a parteira da região) está informando que mal acaba de *fazer um parto* (aparar uma criança) já tem outra pessoa chamando para outro parto; em (37b), informa que tem muito compadre na vila porque ela pegou os filhos destas pessoas / fez o parto dos filhos deles.

Na função de sujeito ou de objeto, DPs específicos podem estar com o artigo definido nulo (ver 6 e 7 acima) ou realizado:

38. a. *o carro* martrô pra oito
 b. Hoje é *a festa de São Sebastião*, né?
 c. *O sol* tá muito quente
 d. se *o vigilante* vê
 e. quand'*a maré* enche, enche tudo
 f. eu tirava *a paia*
 g. ele vem chamá *os menino* pa calvá

A estrutura que propomos para os DPs definidos é a mesma apresentada para os DPs indefinidos; o determinante nulo resulta da não realização fonológica dos traços de D:

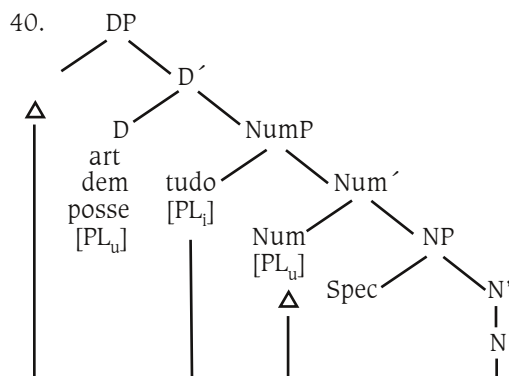


Também neste caso, a interpretação relevante depende de pistas co-textuais (encontradas no próprio texto), contextuais e pragmáticas.

4.4. PLURAL

4.4.1. HV-19

A derivação relacionada com número está especificada abaixo:



Assumimos que N tem traços de número interpretáveis. Num tem traços de $[PL_u]$ que são valorados por N (*Agree*), e não há morfologia de plural audível nos nomes, embora N sempre se mova para Num. Os numerais e o quantificador *tudo* já entram na derivação com os valores para

PL especificados (são interpretáveis nestes elementos) e os demais “determinantes” (artigo, demonstrativo, possessivo) valoram seus traços de [PL_u] por *Agree* com N. Um filtro fonológico atua, evitando a redundância de marcas morfológicas (ver também exemplos em (30) e (31)). Se considerarmos que os traços de plural das categorias funcionais do DP são cópias dos traços de N, após a linearização da estrutura para a PF, só a primeira cópia é pronunciada¹⁰.

4.4.2. ATAS

Observamos que três padrões de realização de morfologia de plural são atestados nas atas. Usando a terminologia de Lopes (2006) no estudo dos processos de aquisição de plural no PB, temos: (41a) agramatical (não observado nos dados do *input* do seu estudo); (41b) redundante; (41c) não redundante:

- 41. a. um recibos
- b. osreguerimentos
- c. alguns requerimento

Para Lopes (2006, p. 259), o padrão agramatical é observado em dados de aquisição:

- 42. a. a hienas (C.2;4)
- b. Meu chinelinhos (C. 2;6)
- c. Ela tem um cabelos comp(r)idos (G.3;7)

Lopes (2006, p. 260) sustenta que: “Uma explicação plausível para as formas diferentes do *input* tem a ver com o fato de que as crianças parecem marcar o morfema do plural na categoria onde ele é interpretável,

¹⁰ Porém, mais alguma coisa precisa ser dita sobre *tudo*, sobre o uso de uma única forma de demonstrativo (*esse*), e sobre as partículas adverbiais dêiticas (*aquí, aí e lá*), para chegar a uma análise mais acurada sobre a estrutura do DP, o que foge dos limites deste trabalho.

i.e., no nome. Contudo, isso ainda não explica por que tais formas aparecem juntamente com as formas esperadas. Supondo-se que o traço de número em D e Num é, primeiro, não especificado, ele poderia ser valorado ou não, mas se não fosse valorado, esperaríamos que o DP fosse pronunciado como singular, de acordo com nossas previsões, o que não é o caso aqui.” (nossa tradução)

As atas apresentam um caso intermediário: o escritor parece ter uma gramática como a de HV, mas parece influenciado pelo português padrão da época – resultado de letramento / escolarização? O padrão de marcação de plural reflete questões de aquisição L2? Consideramos que o *input* para a construção da gramática materna de Gregório deveria ser amplamente semelhante ao da informante HV-19.

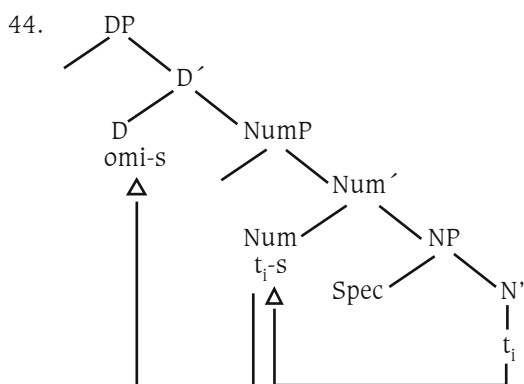
5. CRIOULO DE CABO VERDE E OS INFORMANTES AFRO-DESCENDENTES

Baptista (2007, p. 85) apresenta as seguintes estratégias de marcas de plural no crioulo de CV:

- a) uns/kes + nome sem morfologia de plural (exemplos 43 a,b)
 - b) possessivo + nome sem morfologia de plural (exemplo 43b)
 - d) quantificador de vários tipos + nome sem morfologia de plural (exemplos 43 c,d)
 - e) afixo de plural variável com nomes definidos e animados (exemplos 43 e,f,g)
 - f) raramente determinantes e nomes apresentam marca de plural (exemplo 43 h)
43. a. Otu, botadu na *uns padja* ki ta nese na mes *dazagua* (APF-Fogo)
others thrown on some grass COMP TMA grow in month of rain
(outros jogaram um pouco de grama para crescer no mês de chuva)
- b. *kes fidju*, es sa na ses kaza ku *ses fidju* (IB-Brava)
these child they are in their house with their child
(esses filhos eles estão nas casas deles com seus filhos)

- c. N ten *seti fidju, sinku matxu, dos femia* (FLT-ST)
 I have seven child, five boy, two girl
 (Eu tenho sete filhos, cinco meninos e duas meninas)
- d. *Tudu stranjeiru* ki uji sa ta ben li, ... (NNNL-ST)
 All foreigner COMP today TMA come here, ...
 (Todos os estrangeiros que hoje vêm aqui,...)
- e. Pa kria *fidjus* (MC-Brava)
 To raise children
 (para criar filhos)
- f. N ta spera *nha kunpanherus* tudu pa kunpanha-m (FLT-ST)
 I TMA expect my companions all to accompany-me
 (Eu espero meus companheiros todos para me acompanharem)
- g. *Omis* entra na kuartu
 Men came in room
 (os homens entraram no quarto)
- h. *Kes djentis*, bedju, txeu ka ta baba skola (AM-ST)
 These people, in the old days, a lot NEG TMA go+ANT school
 (Essas pessoas, antigamente, muitas não foram à escola)

A autora (Baptista, 2007, p. 90) propõe a estrutura em (44) para quando a marca de plural é realizada no nome:



Nos dialetos de afro-descendentes em estudo, os nomes plurais são antecidos de determinantes e, portanto, a estrutura acima não se aplicaria a esses dados.

6. CONCLUSÃO

Retomando nossas questões iniciais:

- a) o determinante/quantificador *um* pode ou não ser fonologicamente realizado?
- b) ao introduzir DPs indefinidos [+/- específico] pode-se modificar nomes [+/-contáveis]?
- c) o artigo definido singular, nulo ou realizado, pode introduzir nomes com referência [+/-específica] ?
- d) os dados dos afro-descendentes podem ser explicados com base na estrutura do DP proposta por Baptista para os crioulos de Cabo Verde?

De modo geral, as realizações superficiais entre os dialetos são muito semelhantes, mesmo no caso do plural, embora a marca morfológica de plural não ocorra nos dados de HV-19 e seja bastante assistemática nas Atas. Estruturalmente, para os DPs com determinantes realizados, assumimos a mesma estrutura proposta por Baptista (2007); para os DPs com determinantes não realizados, optamos por ver a variação como resultado de uma regra geral de recuperação situacional / pragmática dos valores referencias dos DPs. Para o caso dos DPs plurais, consideramos que uma regra de não redundância morfofonológica atua na gramática de HV-19. Consideramos que a análise de movimento de N-to-D não tem uma motivação empírica nestes casos; como, por exemplo, resultar de diferentes interpretações possíveis. Isto não significa dizer que rejeitamos a existência de N-to-D nestes dialetos. Este parece ser o caso com nomes próprios, nunca antecidos por artigo na fala de HV-19, exceto para marcar afetividade (ver

Ribeiro 2009b).

45. Tem *o Marquinho*, tem João, teve *Otéli*, teve *Célio*, teve *Máro*, teve *André*,

Portanto, como pode ser explicada a diferença entre DPs definidos com / sem artigo na função de sujeito?

Propomos que há uma variação em relação à realização fonológica ou não dos determinantes, não regida pelas restrições de referência semântica presentes, por exemplo, nas línguas românicas e germânicas.

REFERÊNCIAS

ADGER, D. *Core Syntax: A Minimalist Approach*. Oxford University Press, 2003.

ALEXANDRE, N.; SOARES, N. V. O domínio nominal em Crioulo de Cabo Verde: o puzzle dos bare nouns. In: XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. *Anais...* Lisboa: APL, 2004. p. 337-350.

BAPTISTA, M.. On the syntax and semantics of DP in Cape Verdean Creole. In: BAPTISTA, M.; GUÉRON, J. (Eds.). *Noun phrases in creole languages*. A multi-faceted approach. John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 61-105.

BAXTER, A.; LOPES, N. O artigo definido. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BIBERAUER, T.; RICHARDS M. True optionality: when the grammar doesn't mind. In: BOECKX, C. (Ed.). *Minimalist Theorizing*. Amsterdam: John Benjamins, p. 35-67, 2004.

CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics 15*. 1998. (Reimpresso em MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA (Eds.)., 2000. *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89-155).

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics 18*. (Reimpresso em Michael Kenstowicz, ed. 2001. *Ken Hale. A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999. p. 1-52.)

CINQUE, G. On the evidence for partial N movement in the Romance DP. In: CINQUE, G.; KOSTER, J.; POLLOCK, J.; RIZZI, L.; ZANUTTINI, R. (Eds.). *Paths toward universal grammar*. Georgetown: Georgetown University Press, 1994. p. 85–110.

FERREIRA, M. B. The Morpho-Semantics of Number in Brazilian Portuguese Bare Singulars, *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 9, n. 1, p. 95-116, 2010.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of N-movement in Syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, 1994. 25.609-665.

LONGOBARDI, G. The structure of DPs: some principles, parameters, and problems. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. *The handbook of contemporary syntactic theory*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 562-604.

LOPES, R. E. V. Bare nouns and DP number agreement in the acquisition of Brazilian Portuguese. In: SAGARRA, N.; ALMEIDA, J. T. (Eds.). *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 252-262.

LUCCHESI, D. The article system of Cape-Verde and São-Tome Creole Portuguese: general principles and specific factors. *Journal of Pidgin and Creole Languages*. 8. p. 81-108.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira. Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. (Tese de Doutorado) - UFRJ.

LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARINS JÚNIOR, M. R. Edição semidiplomática das atas escritas na Sociedade Protetora dos Desvalidos por Gregório Joaquim de Santana Gomes Ferrão. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Vernáculas) - Universidade Federal da Bahia, 2002. Orientador: Tânia Conceição Freire Lobo.

MATTHEWSON, L.; SCHAEFFER, J. Grammar and pragmatics in the acquisition of article systems. *Natural Language & Linguistic Theory*. 2005. 23 (1), p. 53-101.

MÜLLER, A.; OLIVEIRA, F. Bare nominals and number in Brazilian and European Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics* 3, p. 9–36, 2004.

MUNN, A.; SCHMITT, C. Number and indefinites. *Lingua* 115(6), p. 821–855, 2005.

RIBEIRO, I.; CYRINO, S. A expressão de DPs em dois registros de afro-brasileiros do século XIX. Apresentado no workshop GRAMATICALIZAÇÃO: ABORDAGENS FORMAIS E FUNCIONAIS, 2009, Campinas, UNICAMP.

RIBEIRO, I. O sujeito nulo referencial do português popular brasileiro. *História do português paulista*, Série Estudos, Vol. II. Campinas: IEL/UNICAMP, p. 83-98, 2009a.

RIBEIRO, I. O sistema de definitude e de referencialidade de uma falante afro-brasileira idosa. VI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CRIoulos E SIMILARES, UFBA, 2009b.

SCHMITT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in brazilian portuguese. In: *Proceedings of XXX NELS*, Volume 29, p. 339–354, 1999.

Submetido em: 06-12-2011

Aceito em: 16-01-2012

